

# Falcão volta mas não muda idéias

CORRIOLANO GATTO  
Colaborador

Rio — O ex-ministro da Justiça no governo Geisel, Armando Falcão, retorna com mais vigor à cena política, agora como candidato à Constituinte pelo PFL. Suas idéias, em síntese, continuam as mesmas. É contrário à legalização dos partidos comunistas, a qualquer reformulação da doutrina de Segurança Nacional, acusa a Igreja progressista de incentivar a "indústria do conflito no campo" e revela os seus candidatos "in pectore" para a presidência da República: o ex-presidente Ernesto Geisel e o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales.

Ex-líder do PSD na Câmara dos Deputados e do governo Juscelino Kubitschek, entre 1958 e 1959, Falcão alertou para o problema de o governo aceitar comunistas na administração pública. "É um erro que pode custar caro", diz. Ele, no entanto, qualifica o governo Sarney como positivo. "O presidente está se saindo bem".

O ex-ministro atribui o prestígio político do governador Leonel Brizola a "sua indiscutível competência" e à mediocridade da política fluminense. "Como dizia Oswaldo Aranha, é um deserto de homens e idéias e por isso a demagogia do Um dos mais fiéis colaboradores e seguidores do ex-presidente Ernesto Geisel, Falcão lê no momento o "Olga", de Fernando Moraes, que narra a vida da ex-mulher do líder comunista Luiz Carlos Prestes. Considerado pelos intelectuais e seus adversários políticos como um censor implacável na época em que foi ministro da Justiça, ele hoje defende a censura somente para as diversões públicas e como uma forma de resguardar a moral e os bons costumes.

— A censura política é um erro e difícil de ser mantida.

— O senhor volta mais ativamente à cena política, candidatando-se a deputado constituinte pelo PFL no Ceará ou Rio de Janeiro. Independente disso, qual é a plataforma política?

— Eu quero esclarecer primeiro que da cena política eu não me afasto. Eu nasci político, vivo político e vou morrer político. Quanto à minha plataforma política, eu, modéstia à parte, me considero coerente. Sou um democrata do centro e não quero nem esquerda nem direita, como regime para o meu País.

— O senhor mantém a sua posição contra a legalização dos partidos comunistas?

— Os partidos comunistas não devem ser legalizados porque são um ninho de serpentes. Quando os comunistas assaltam o poder, eles esmagam a liberdade, assassinam a democracia. Como eu vou colocar no meu inimigo o cabo da minha faca? De forma alguma, eu não permitiria que eles tivessem registros. Existe o argumento de que assim ficamos sabendo onde eles estão. Isso não vale, haja visto o que está acontecendo com o PT. O PT é um braço avançado do comunismo no Brasil. Ultimamente o PT está envolvido em assaltos a bancos e a particulares na Bahia.

— O ministro Marco Maciel é contrário ao enquadramento na Lei de Segurança Nacional (LSN) dos assaltantes que se diziam ligados ao PT. O senhor concorda com isso?

— Não concordo com o meu prezado e ilustre amigo Marco Maciel. A Lei de Segurança está aí como uma lei de dever do Estado. Foi infelizmente enfiada ao longo do governo Figueiredo por uma reforma legislativa inadequada, mas, ainda assim, representa uma barreira ao avanço da subversão. E os que ferem — como o caso dos terroristas do PT na Bahia — já deviam ter sido enquadrados na Lei de Segurança, processados devidamente e responder perante a Justiça Militar pelo grave delito que cometeram.

— Faltou, então, ao governo Figueiredo maior firmeza?

— Faltou ao governo Figueiredo uma linha coerente de combate à subversão e maior firmeza em utilizar determinados instantes os dispositivos legais pertinentes.



*O ex-ministro da Justiça será candidato à Constituinte pelo PFL. Ele se define como um "democrata"*

— O senhor critica o governo Figueiredo somente por ter permitido uma maior liberalização política no País ou também faz críticas à política econômica desenvolvida na época?

— A rigor, não quero formular uma crítica ao governo Figueiredo. Quanto à parte econômica, eu não comento, pois sou político. O político, como dizia o general Liautey (militar francês que liderou o processo de colonização da África Equatorial), é o técnico das idéias reais.

— O que mais faltou ao governo Figueiredo no aspecto político?

— O que faltou — e isso eu disse a ele em uma certa oportunidade — foi a segura convicção de que no sistema presidencialista de governo o chefe da política nacional, até dos partidos de oposição, é o presidente da República. O presidente Figueiredo a partir de um determinado instante resolveu se omitir do problema sucessório. E eu não estou fazendo nenhum ataque a ele depois que deixou o governo, porque apenas quero mencionar um fato que aconteceu perante ele mesmo, eu disse: "Presidente, você como chefe da

Nação não tem apenas o direito de intervir no problema sucessório, mas uma obrigação". Mas ele insistia em não se meter mais no problema sucessório e entregar a questão aos partidos, o que foi um erro, porque disso resultou a confusão, o tumulto, a anarquia e o partido (PDS) que o levou à Presidência da República acabou se transformando em uma nau sem rumo.

— A omissão de Figueiredo foi determinante na derrocada do PDS?

— Sem dúvida. Foi um dos fatores mais responsáveis pela derrocada do PDS. O encargo eu sei que é pesadíssimo, mas o presidente da República não pode se omitir.

— A Aliança Democrática está sendo ingênua, na medida em que apóia os partidos comunistas? O governo Leonel Brizola disse recentemente que os comunistas estão dentro do Governo somente para pegar cargos. Como o senhor encara essa questão?

— O ministro Antônio Carlos Magalhães declara que no Governo há mais esquerdistas em cargos do que o seu gosto permitiria.

— Ele, porém, disse que estas críticas não se referiam aos comunistas do PCB.

— No que dependesse de mim, eu não daria colher-de-chá a comunista do PCB, PC do B, MR-8, PCB do R, PC do nada, PC do tudo... Para mim, o marxismo é um só, a idéia maligna é a mesma e eu considero o comunismo a lepra ideológica do século XX.

— A censura está cumprindo seu papel nos dias de hoje?

— Claro que está. Não era preciso somente o presidente Sarney intervir no problema do filme "Je Vous Salue, Marie". Aquilo não era assunto para o presidente da República nem para o ministro da Justiça, mas para o chefe da censura, que é um cargo de quarta ou quinta categoria, um escalão lá embaixo. O que deveria ter sido feito era baixar normas ao Departamento de Polícia Federal (DPF) como eu fiz, ao assumir, e pronto.

— O senhor é notoriamente um amigo íntimo do ex-presidente Ernesto Geisel. Aqui mesmo no escritório há all um retrato, onde o senhor aparece despachando com ele, nos tempos do governo. Dentro da política, o senhor representa o pensamento do Geisel? Ou essas coisas estão dissociadas?

— O representante do pensamento do presidente Ernesto Geisel é o presidente Ernesto Geisel. Ele é um homem de pensamento autônomo, de idéias próprias, de substância dele mesmo. E por isso que ele não tem porta-vozes, representantes. Não existem sucessais para o pensamento do presidente Ernesto Geisel. A matriz do pensamento do Geisel é ele mesmo. E ninguém precisa traduzir. Foi o presidente dos mais aplicados que o Brasil já teve. Eu tive a glória de ser ministro dele durante cinco anos, e permaneço até hoje como amigo do presidente Geisel, que é meu chefe.

Essas idéias defendidas pelo senhor são aparecidas com as do Geisel?

— Não sei. Só ele que pode dizer. Se houver coincidência será mera coincidência.